

A nomofobia entre crianças e adolescentes: olhares e reflexões de diretores-educadores

MARCOS ESPER*
RENATA ALVES**

Resumo: O termo *nomofobia* surgiu na Inglaterra e manifesta-se quando uma pessoa se vê impossibilitada de se comunicar pela internet. Tem origem nos diminutivos inglesa *No-mo* ou *No-mobile*, que significa sem telemóvel, ou seja, a fobia de ficar sem um aparelho celular ou medo de ficar *off-line*. O trabalho delineado, qualitativamente, teve como objetivo apresentar reflexões de educadores em cargos de direção escolar, sobre o uso do celular na escola, o qual contou com a participação de vinte e nove diretores de escolas públicas e privadas. O processo consistiu na definição de duas categorias: olhares para a nomofobia e aliança das escolas com celulares. Ouvir os diretores-educadores como instrumentos dialógicos viabilizou desconstruir paradigmas com a intencionalidade de se alicerçar novos olhares e meios para os fins de uma educação coerente, com o cenário e atores nele inseridos. Novos tempos! Mentis permeáveis! Frutos de uma nova era! Partes de um sistema em que se escolhe medicar ou intervir com competências recriadoras e possíveis.

Palavras-chave: nomofobia; celular; internet; escola; cibercultura.

Nomophobia among children and adolescents: views and reflections of educator- directors

Abstract: The term *nomophobia* arose in England and is expressed when a person is unable to communicate over the internet. It comes from the English diminutives *No-mo* or *No-mobile*, which means no cell phone, ie the phobia of being without a mobile communication device or fear of being "offline". The work outlined, qualitatively, aimed to present reflections of educators in school management positions, on the use of cell phones at school, which had the participation of twenty-nine directors of public and private schools. The process consisted of defining categories as defined: looks at *nomophobia* and schools' alliance with cell phones. Listening to principals - educators as dialogical instruments, made it possible to deconstruct paradigms with the intention of establishing new perspectives and means for the purposes of a coherent education, with the scenario and actors inserted in it. New Times! Permeable minds! Fruits of a new era! Parts of a system in which one chooses to medicate or intervene with recreational and possible skills.

Key words: *nomophobia*; cell phone; Internet; school; cybersculture.



* MARCOS ESPER é Mestre em Ciências da Saúde - Unifesp (Universidade Federal de São Paulo).



** RENATA ALVES é Mestre em Ciências (Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto).



Introdução

O presente artigo nasce com a ânsia de explorar a temática nomofobia, surgida pelas vísceras de um primeiro capítulo publicado em maio de 2018, na obra intitulada “práticas pedagógicas na era digital”, em que os autores em diálogo neste, navegaram em bases teóricas delimitadas no recorte “nomofobia entre crianças e adolescentes”. Nesta oportunidade, avança-se, teoricamente, para uma completa fonte de pesquisas correlatas e inserem-se olhares de diretores de escolas que vivenciam questões atreladas.

A fim de resgatar o aparato conceitual implícito na nomenclatura reconhecida na literatura, o termo nomofobia surgiu na Inglaterra e manifesta-se quando uma pessoa se vê impossibilitada de se comunicar pela Internet. Tem origem nos diminutivos inglesa *No-mo* ou *No-mobile*, que significa sem telemóvel = fobia de ficar sem um aparelho de comunicação móvel ou medo de ficar “off-line” (KING; NARDI; CARDOSO, 2015, p. 10). A explicação no intento de traduzir como se processa o sintoma de “falta” ou “abstinência” tecnológica contribui com uma compreensão ao mesmo tempo profunda, de modo que possa dizer-se até então desconhecida, bem como rasa, ao considerar singularidades de cada indivíduo em interação com a tecnologia.

Do primeiro constructo dos autores em que se encontraram conceitos e

tendências de uso, despontou-se a intensidade para aproximarem-se um pouco mais dos significados atribuídos a este fenômeno contemporâneo.

Neste sentido, este artigo teve como objetivo apresentar reflexões de educadores em cargos de direção escolar, sobre o uso do celular na escola.

Breve revisão de estudos

Para Silva (2002), a tecnologia pode auxiliar na mudança de um modelo de escola pautado na instrução, transmissão e memorização de informações para outro baseado na construção colaborativa de saberes, aberto aos conhecimentos, experimentações e interesses dos alunos. Nicolaci-Da-Costa (2004), apresenta que o uso de celular proporciona sensação de segurança, pela possibilidade de recorrer a alguém, amplia a esfera privada ao permitir acesso direto, que acarreta o aumento do grau de intimidade ao suscitar o impulso de dividir. De la Peña (2007), em estudo de aspectos culturais e sociais relacionados à tecnologia nos EUA em uma escola de Ensino Fundamental, apontou que, neste contexto, em geral, são os primeiros a adotar novas tecnologias em suas famílias, indicando a importância da família e a dos amigos na socialização.

Mishra e Koehler (2009), explicam que as tecnologias têm potencialidades e restrições, sinalizando que os educadores devem apropriar-se para fazer uso. Estudo da Universidade Nova de Lisboa aponta a constatação da proibição dos celulares em sala de aula, e indica o teor negativo da relação de algumas escolas portuguesas com esses equipamentos digitais (FERREIRA, 2009). Outra fonte indica o quanto as tecnologias proporcionam possibilidade de aprendizagem fora da escola e que pode complementar a educação dentro

da escola (HALVERSON; SMITH, 2009).

Encontram-se pesquisas sobre as possibilidades pedagógicas dos aparelhos móveis na escola difundidas pela nomenclatura *m-learning* (mobile learning ou aprendizagem móvel), com foco no detalhamento do uso que os alunos fazem na escola (ISMAIL et al., 2013; KESKİN; METCALF, 2011; KOLB, 2011; VALK; RASHID; ELDER, 2010). Moura (2010), contribui referindo-se ao uso didático do celular com o foco nos alunos e sinaliza que incorporam naturalmente os próprios celulares nas práticas de estudo, ao explorarem funcionalidades em atividades curriculares, realizadas dentro e fora da sala de aula, de forma individual e colaborativa.

Vesisenaho et al. (2010), apontou que a tecnologia móvel e o *software* sociais podem ser utilizados como ferramentas para desencadear os mecanismos de aprendizagem colaborativas que permitem a captura de ideias e interpretações dos estudantes. Nos achados, inclui-se capítulo de livro em que se discorre sobre tecnologias da informação e comunicação na escola como um procedimento para promover competência profissional menos que como facilitador da aprendizagem (RUIVO; MESQUITA, 2011). Estudo etnográfico no México pontua a necessidade de se educar para o uso responsável e construtivo das tecnologias de maneira compartilhada entre família e escola e recomenda trabalhar as habilidades de letramento visual, juízo crítico, julgamento ético e aprendizagem pela pesquisa (IRURITA, 2011). Já Violar (2011), destaca a necessidade de estudos sobre o uso da internet para repensar os sentidos atribuídos à escola e ao conhecimento escolar.

Em conclusão de tese, Oliveira (2011), entende que a proibição do uso de celulares nas escolas não é motivada apenas porque desvia a atenção dos alunos, mas também devido ao excesso de recursos e informações, sem precedentes. Descreve que de um lado têm-se os alunos, motivados pelo uso indiscriminado e autorizado pelos pais, e do outro, os professores, que muitas vezes não têm condições para acompanhar a evolução da tecnologia e se sentem afrontados por ela. Palfrey (2011, p. 14), contribui que os nativos digitais “estão constantemente conectados” e processam de um modo diferente as informações “são extremamente criativas”. Aretio (2012), apresenta dois níveis de apropriação das tecnologias: uma de uso das ferramentas e outra de sentido para utilização como recurso didático; segundo o autor, os nativos digitais podem realizar um pensamento que seja completamente novo para os imigrantes digitais.

Neto, Silva e Pinto (2012), corroboram a partir de análise em uma escola Estadual de Florianópolis, que uma lei estadual, a qual proíbe o uso não era cumprida, sendo que alguns alunos saíam da sala para atender chamadas, ou mesmo se comunicarem durante a realização de provas. De acordo com os autores, os dispositivos tecnológicos tiram o foco da atividade escolar, e suas transgressões às regras decorrem da construção da identidade e necessidade de consumo desses. Outros estudos sublinham que a proliferação de artefatos digitais demanda novos olhares para as práticas pedagógicas dentro e fora da escola, indicando a importância de se estabelecer conexões entre áreas, informações, conceitos nesse cenário. (SANTOS; WEBER, 2012).

Uma pesquisa intitulada “Gerações Interativas Brasil” de 2012, composta

por 1.948 respostas de crianças de 6 a 9 anos, gerou dados representativos ao apontar que o acesso a conteúdos da Internet se dá, principalmente, para fins educativos (38,2%), atividade de entretenimento e recreativas (35,1%) e utilização das redes sociais (31,4%) (PASSARELLI; JUNQUEIRA, 2012). Fonte nomeada TIC Kids Online 2012, do Comitê Gestor da Internet no Brasil (2013), objetivou medir o uso e hábitos da população brasileira usuária de Internet entre 9 e 16 anos a partir de 1.580 crianças/adolescentes: em primeiro lugar vem o computador (PC/desktop/computador de mesa) e a família divide com (38%); na sequência, com 21%, afirmam usar o celular para navegar, sendo que o local de maior acesso à internet é a escola, com 42%, seguido da sala da casa, com 40%.

Uma pesquisa do Centro Brasileiro de Análise e Planejamento (CEBRAP) no Ensino Médio de São Paulo e Recife aponta elevado grau de inserção da internet e do celular pelos pesquisados, inclusive para fins de estudo e interação em que o uso de tecnologias independe da oferta deste na escola (TORRES et al., 2013).

Nagumo (2014), agrega sobre a relação entre estudantes, escola e tecnologia que há uma apropriação da última, com motivação e interesse. Para Soares et al. (2014) os aparelhos digitais com sua conectividade e funcionalidade múltipla embutida, otimizam os usos sociais do tempo e do espaço, pois são multifuncionais; são móveis e aderentes; armazenam gostos e preferências; comunicam, informam e compartilham. Fomenta-se, que a tecnologia causa reação mesmo que involuntária, inclusive pela negatividade, quando de sua proibição no contexto escolar em dado momento como fenômeno singular e absoluto (TIMBANE et al., 2015) .

Insere-se que a escrita digital independe do tempo e do espaço, estimula, por suas próprias características, a aproximação entre quem produz e quem lê, as crianças (VALLETA, 2015). Sintetizam-se os resultados em que, especialmente, os celulares utilizados em excesso por alunos, podem prejudicar o processo de ensino e aprendizagem (DA SILVA, 2017).

Os autores mencionados contribuem a clarificar o caráter de subjetividade, o qual motiva o desenvolvimento do presente artigo, a partir de uma ótica de valorização da singularidade constante na visão expressa em cada palavra emitida pelos entrevistados. Ou seja, por subjetivo, entender-se-á, aquilo que lhe é particular, com suas crenças, costumes, valores, sentimentos e processos educativos.

Meios para os fins - O percurso metodológico: encontros com o tema e atores em cena.

Com a finalidade de avançar no conhecimento presente, contando com o público delimitado, apresentam-se, qualitativamente, os caminhos de estudo com (29) vinte e nove diretores de escolas públicas e privadas, sendo (6) seis do contexto público e os outros (23) vinte e três do privado.

Segundo Minayo (1998), a perspectiva metodológica qualitativa trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, não se reduzindo a variáveis. A abordagem interpretativa, ou talvez melhor traduzida, reflexiva, para a leitura de dados se apoia, portanto, em pressupostos metodológicos qualitativos.

A pesquisa qualitativa responde a questões particulares. Ocupa-se das ciências sociais quanto à realidade que não pode ser quantificada.

Aborda o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis (DESLANDES et al., 2002, p.22).

Salienta-se, que faz parte imprescindível de qualquer consideração referente à coleta de dados, a gratidão dos autores pela oferta de opiniões compartilhadas, o que torna possível reflexão gerada da disponibilidade interna para construir conhecimentos conjuntos. Elaboraram-se três perguntas em formato de entrevista semiestruturada, que foram investigadas junto aos participantes pesquisados, conforme “motes” geradores de problematizações. São estes: a) Quanto à Nomofobia entre crianças e adolescentes em sala de aula, o que a senhora (o) pensa a respeito? b) Quais são os aspectos positivos e negativos desta realidade? c) São usadas estratégias para o uso do celular na escola?

Para descrever e analisar as respostas obtidas, utilizou-se da análise de conteúdo temática, a qual traz a afirmação de temas em repetidas falas dos participantes do estudo e lida, essencialmente, com textos tratados com interpretação dos resultados obtidos. Trata-se de um processo dinâmico e deve ser concomitante à coleta, que se desdobra em três etapas: pré-análise (exploração do material), tratamento dos resultados e interpretação; sendo primordial compreendê-las, detalhadamente, como diretrizes a serem seguidas (MINAYO, 2008). De acordo com a mesma autora, a terceira etapa, compreendida como procedimento de interpretação, permite “colocar em relevo as informações obtidas” (p. 318).

Para Fontanella, Ricas e Turato (2008),

nos estudos qualitativos a questão quantos é de importância relativamente secundária em relação à questão quem, pois o que se apresenta de mais significativo não está na quantidade final de seus elementos, mas na maneira como é definida a sua representatividade.

De posse das entrevistas transcritas, a primeira etapa consistiu da leitura exaustiva do material coletado. Para tanto, o material foi organizado, visando uma pré-categorização de acordo com as similaridades obtidas, contemplando-se as principais ideias abordadas pelos participantes. Este procedimento culminou no desmembramento das entrevistas, em grandes recortes. Na sequência, identificaram-se pontos comuns no conteúdo dos depoentes, resultante de imersão nos “textos” reduzidos a palavras e expressões de modo sistematizado, organizando-se as respostas dos dez participantes entrevistados e unificando-as, com base em similaridades.

Posteriormente, o processo consistiu na definição de categorias definindo-se os temas que emergiram como predominantes, transpondo-se para a terceira etapa em que a interpretação e inferência são articuladas com o referencial teórico.

Para Duarte (2002), os temas eleitos que definem as categorias temáticas, contextualizam e inserem o pesquisador na realidade dos participantes.

Categorias temáticas

Olhares para a Nomofobia

Com o propósito de elucidar os fins deste artigo, organiza-se de forma a apresentar as falas na íntegra, ofertadas pelos participantes, sendo as que representam a maior recorrência de informações aparecidas nas entrevistas. Assim, esta categoria expressa opiniões

de diretores, os quais foram identificados pela inicial e número correspondente ao total - D1, D2, a D29 - que foram refletidas pelos mesmos durante diálogo sobre o tema.

É uma triste realidade. Fico muito preocupada com o futuro das crianças e adolescentes que estão a cada dia, menos criativas e argumentativas. Infelizmente estão sendo “robotizadas” (D8).

É um problema que deve ser tratado e conversado. Não há nada positivo em uma doença onde a pessoa fica centrada ao uso de um aparelho eletrônico que faz com que a pessoa fique muito fechada em um mundo só (D15).

É uma luta contra o vício; há a necessidade de haver uma interação no ensino e na aprendizagem. Essa dependência dos alunos em se manterem “conectados” o tempo todo, faz com que eles não deem a atenção necessária nas aulas (D22).

A cultura de uso do telefone celular torna-se uma ferramenta adequada para expressar demandas por autonomia, conectividade onipresente e redes de práticas sociais compartilhadas (CASTELLS et al., 2009). Em contrapartida, as opiniões expressas no recorte delimitado para a produção deste artigo, revelam a preocupação quanto a outro lado desta realidade, aquela em que o adoecimento psicológico passa a fazer parte das discussões. No entanto, esclarece-se o cuidado dos autores, em não estereotipar, indevidamente, com patologias daquilo que possa ser compreendido amplamente em suas interfaces de contexto do tempo em que vivemos e suas consequentes adaptações estruturais. Neste sentido Freire (1996, p.66) enriquece:

“O professor que não respeita a curiosidade do educando, o seu gosto estético, a sua inquietude, a

sua linguagem, mais precisamente, a sua sintaxe e sua prosódia, transgride os princípios fundamentalmente éticos da nossa existência”.

Inserese assim uma visão teórica voltada para uma educação humanizada, pautada na legitimação de necessidades e empreendimento para a valorização dos saberes não escolares, ou seja, para aqueles que nascem do meio dos educandos, e por influência do ambiente em que vivem, excluindo-se uma ideia de individualização para causas e sintomas de qualquer natureza diagnóstica. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação (9.394/96) propõe uma prática educacional adequada à realidade do mundo, ao mercado de trabalho e à integração do conhecimento. Outros olhares:

Fui conhecer esse fenômeno chamado de nomofobia há pouco tempo, que sem dúvida pode trazer transtornos ao bom andamento da sala de aula e na vida dos adolescentes. É indiscutível os benefícios que o celular trouxe, mais o vício, se torna um grande problema trazendo ansiedade e até mesmo problemas de visão, sendo importante o monitoramento de crianças para o uso saudável do smartphone (D 3).

A nomofobia, por ser considerada um mal do século, não vejo nada de positivo, mas o uso racional e produtivo no uso da tecnologia, neste caso o celular, passa a ser uma ferramenta fundamental neste mundo conectado com as diversas redes (D13)

As falas selecionadas pela representatividade das opiniões de mesmo teor evidenciam que apesar dos avanços de estudos desta problematização contemporânea, ainda existem educadores que desconhecem a nomenclatura utilizada para designar o

caráter de nocividade para o uso da tecnologia. Contudo, também é percebido que existe um conhecimento de senso comum, decorrente das experiências vivenciadas pelos depoentes, em que se traz a ideia compartilhada, de inquietação para com a dinâmica relacional entre educandos e “celulares”, bem como das formas de condução desta realidade.

Caetano (2017), discorre sobre o comportamento de adolescentes que têm apresentado uma postura que reproduz o contexto geral da atualidade e sinaliza a importância de que a comunidade escolar se ocupe de atitudes e procedimentos que visem conscientização e apropriação de novas práticas e posicionamentos. Contribui que a nomofobia não deve ser vista como um novo transtorno, mas como uma nova manifestação de questões psicopatológicas já existentes e consideradas pelo DSM e CID: [...]“esses comportamentos novos demonstram não serem diversos dos mais antigos, sejam eles normais, sejam patológicos”(CAETANO, 2017, p. 40).

Neste sentido, de ampliação do olhar para o discernimento e compreensão no entorno da nomofobia, apresenta-se uma segunda categoria temática.

Aliança das Escolas com os Celulares

Descrevem-se opiniões que denotam saberes dos sujeitos participantes:

“Acredito que o uso deva ser negociado de forma que o aparelho não escravize, com comando racional do seu uso. O professor pode conduzir com boas orientações, evitando a ditadura da máquina que causa danos à saúde do usuário” (D10)

“Os aspectos positivos é que sem tecnologia não há modernidade e que podemos usá-la de modo no desenvolvimento do aluno, e o

aspecto negativo é que a tecnologia não esta sendo usada para o conhecimento” (D14)

Apoia-se em estudo no qual se espera que a tecnologia represente fonte de engajamento para tornar a escola mais conveniente. Esta referência acentua que os alunos querem a tecnologia para melhorar o ensino e a aprendizagem, pontuando a recomendação de que os educadores e formuladores de políticas devam olhar para práticas atuais como fonte de inspiração. Ainda, salienta-se que as escolas devem aprender para introduzir inovações educacionais (PEDRÓ, 2016).

Candau (2014), é enfática ao afirmar que a didática deve estar associada a necessidade de partir dos interesses espontâneos e naturais da criança. Enaltece-se que, o uso do celular como aliado significa rever e repensar projetos pedagógicos que dialoguem com o contexto escolar demandado. Ademais a implicação deste cenário perpassa por uma reflexão ética. Resultados de pesquisa amparam:

Trata-se de um ato ético, de escutar responsabilmente os envolvidos acolhendo as suas contribuições e acomodar aquelas que se revelem potencialmente inovadoras, que garantam a participação ativa do aluno nas experiências que conduzem a sua aprendizagem (TIMBANE, et al, 2015, p. 771).

Uma vez que se condensam contribuições sustentadas por uma lógica de adaptabilidade e conseqüentemente pelo anseio de integrar estratégias aos desafios postos, acrescentam-se visões que favorecem possibilidades de aliança entre as escolas e os celulares. Foca-se, portanto, na promoção de uma educação que tenha como princípio uma proposta articulada com seu tempo no mundo, e,

por conseguinte, humanizada ao dispensar atenção analítica e singular, com vistas a potencializar as habilidades dos alunos e não de estereotipá-los e/ou segregá-los, mediante ao que caiba de revisões por parte de educadores para lidarem com as “existências” dos que almejam aprender na escola. O que pensam os diretores pesquisados?

Visto que a globalização tomou conta de todas as esferas, sendo na área da saúde, política, ambiental, não vejo por que restringir o uso das tecnologias na área educacional. Acredito que em pouco tempo não colocaremos mais empecilhos para tal, e associaremos boas maneiras (D5).

O aparelho deve ser usado para pesquisas, debates e interagir com os colegas, embora traga a dificuldade de reproduzir conhecimento ao aluno quando necessita de sua atenção. Precisamos capacitar os professores para ter o melhor aproveitamento de cada aluno (D12).

Não dá mais para desprezar a realidade do uso das tecnologias como ferramentas auxiliares da aprendizagem. O que é indispensável é o domínio consciente por parte do professor, para que, na sala de aula possa fluir com desenvoltura o seu uso racional e produtivo (D2).

Percebe-se que é preciso equilibrar, sabiamente, as formas e o “utilitarismo”, extraindo-se o que pode oferecer de rico, que é o acesso à informação. Oliveira (2011), pondera que em situação limite, a proibição é alternativa pontual, mas não a solução. Enfatiza a busca de alternativas que viabilizem o uso do celular como aliado na aprendizagem, que é um processo cognitivo, no qual os sentidos são essenciais, e acresce:

Para entender precisamos antes nos surpreender, experimentar, ver, ouvir, sentir. Sensações que poderiam ser despertadas a partir de um simples toque do telefone. O aprender a aprender, a arte do fazer de forma criativa e autêntica, talvez sejam alguns caminhos a seguir para um recomeço (OLIVEIRA, 2011, pág 27).

Insere-se o valor de “achado” que elucida a importância da educação no seu papel formativo das futuras crianças: “na era do conhecimento não basta ter acesso aos artefatos tecnológicos *“la tecnología no nos ahorra el esfuerzo pedagógico de tener que reflexionar sobre el sentido de la acción educativa”* (ARETIO, 2012, p. 156). Apoiando-se em Torres (2013):

[...] a linguagem da escola para lidar com as novas tecnologias parece ser a do desconhecimento, traduzido em um processo de regulação que se desdobra na dificuldade de incorporar ao cotidiano escolar o uso das novas tecnologias, lidando com elas sempre na chave da proibição (TORRES et al., 2013, p. 103).

A escola, de maneira geral, quando não proíbe o uso, parece ainda buscar formas adequadas de apropriação. Apresenta-se, que em geral, pesquisas relativas focam mais na utilização didática do que no entendimento destes nos espaços, sendo que há uma convergência entre diferentes estudos de que a escola deve ensinar valores e ética para o uso de ferramentas tecnológicas (NAGUMO, 2014). Discute-se, assim, o estreitamento da discussão relacionável ao contexto familiar, educacional, social e cultural. E soma-se:

Um sonho de uma escola para a vida, em qual, famílias façam parte da construção de formas, aquelas, que acolhem palavras, feitos e ideais [...] As vozes do dissenso são

necessárias para construir um chão para as atuais práticas educativas emancipatórias e enraizá-las neste chão [...]. Há de se conhecer o chão ao qual se pisa sobre o qual se faz a construção (STRECK; ADAMS, 2006, p.26-8).

Sonhar uma escola em que a democracia seja um parâmetro de construções remete, sem dúvida, a inclusão das famílias em um diálogo que favoreça acolher saberes, para então lapidá-los conforme a vida humana em interação com a tecnologia. Escutar os diretores - educadores como instrumentos dialógicos, viabiliza desconstruir paradigmas com a intencionalidade de se alicerçar novos olhares e meios para os fins de uma educação coerente, com o cenário e atores nele inseridos. Novos tempos! Mentis permeáveis! Frutos de uma nova era! Partes de um sistema em que se escolhe medicar ou intervir com competências recriadoras e possíveis.

Considerações finais

O estudo desenvolvido neste artigo traz como principal contribuição olhares de educadores em cargos de direção escolar, sobre o uso do celular na escola. Apresenta-se como uma reflexão do tema fundamentada em pesquisas correlatas, bem como na análise de dados obtidas por meio da análise de conteúdo temática de referencial metodológico qualitativo.

Destaca-se que da distinção de visões dos participantes entrevistados, utilizou-se a lógica de procedimento metodológico aplicado e discriminado no texto destinado a esta função, o que significa que as opiniões emitidas foram organizadas de forma representativa, a partir da prevalência de mesmos pontos de vista agrupados para análise.

Enfatiza-se que a interação entre crianças, adolescentes e celulares parece não ser a principal questão a ser

pensada, mas sim, as adaptações das relações que os cercam na família e escola, com suas estruturas particulares, uma vez que a abordagem, regras, costumes, e fins tecnológicos requer atenção ao ambiente e sua dinâmica.

Com referência à família, entende-se que as medidas relativas ao comportamento dos filhos na escola devam ser compartilhadas com os educadores. Para tanto, chama-se a atenção a uma política administrativa dialógica e de gestão participativa, que inclua familiares para se entender funcionalidades interativas, em especial, neste artigo, da interação com o celular, para assim, construir formas de intervenção quando pertinentes.

Ao passo que referente às escolas aponta-se a consciência, predominante, nos depoimentos coletados, de que os atuais tempos demandam mudanças em recursos pedagógicos que atendam a motivação e ao desenvolvimento do aluno, o que implica em gestão da equipe no treinamento e suporte contínuo das competências docentes. Desta realidade, nota-se que os desafios da educação contemporânea perpassam por fatores estruturais que podem dificultar adaptações necessárias. Contudo, pode-se contar com mentalidades inovadoras, que utilizem de recursos disponíveis na literatura e com o mesmo valor, da própria criatividade, para que se ajustem demandas da rotina escolar aos meios presenteados pela evolução do mundo.

Ao sublinhar que a formação de identidades está relacionada, também, ao meio cultural, à mediação da cultura no contexto de ensino escolarizado, sob a responsabilidade de educadores é um fundamental adendo deste estudo. Posto que a escola é um lugar de aprender, formar-se, construir vínculos, desenvolver-se emocional, social e

culturalmente, a referência de pensamentos, paradigmas de quem lidera uma instituição educacional é imprescindível, elementar, como uma ponte que leva ao reconhecimento do “ser”, por sê-lo fruto do meio, além de outros determinantes não explorados neste estudo. Porém, é possível salientar que ao se remeter ao termo nomofobia, é sábia uma avaliação sistêmica de interdependências, desejável a qualquer classificação de comportamento.

Neste pensamento de considerações finais para este artigo, modelos de família e escola frente ao uso do celular, são elementos chaves, visto que atitudes refletem aprendizados positivos ou negativos. Na mesma proporção, para se motivar com o mundo real, “este” precisa ser, minimamente, interessante como o símbolo virtual. Estar *on line* tem suas facetas para a saúde e doença, conforme o propósito de interação, frequência e intensidade no uso. E pergunta-se: o que deve ser diagnosticado?

Referências

ARETIO, Lorenzo García. **Sociedad del conocimiento y educación**. Madrid: Librería UNED, Universidad Nacional de Educación a Distancia, 2012.

BRASIL. Secretaria Nacional de Juventude (SNJ). Agenda juventude Brasil : pesquisa nacional sobre perfil e opinião dos jovens brasileiros. Brasília, DF: SNJ, 2013

CAETANO, Marcos Belló. Crise de atenção ou nomofobia—os desafios da educação na adolescência. **Unoesc & Ciência-ACHS**, v. 8, n. 1, p. 37-50, 2017.

CANDAU, Vera Maria. **A Didática em questão**. ed.11. Petrópolis: Vozes, 1993. p.13-34.

CASTELLS, Manuel et al. **Mobile communication and society: A global perspective**. Mit Press, 2009.

DA SILVA, Jadilson Marinho. **NOVAS TECNOLOGIAS EM SALA DE AULA**. p. 32,

2017.

DA SILVA, Karla Fernanda Ferreira; DE SOUSA CARVALHO, Janaina Maria. **A Pedagogia Da Tecnologia Atuando Na Educação Básica**. 2017.

DE DIRETRIZES, Lei. Bases da educação Nacional. 1996.

DE LA PEÑA, Yvonne; ORELLANA, Marjorie Faulstich. An examination of latino immigrant youths' out-of-school technology practices. **Psicologia Escolar e Educacional**, v. 11, p. 71-82, 2007.

DESLANDES, Suely. [et al.] **Pesquisa social: teoria, métodos e criatividade**. 21ª ed. Petrópolis, RJ : Ed. Vozes, 2002.

DUARTE, Rosália. Pesquisa qualitativa: reflexões sobre o trabalho de campo. **Cadernos de pesquisa**, p. 139-154, 2002.

FERREIRA, Maria Eduarda Pereira da Costa. **Jovens, telemóveis e escola**. 2009. Tese de Doutorado. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa.

FERREIRA, Maria Eduarda Pereira da Costa. **Jovens, telemóveis e escola**. 2009. Tese de Doutorado. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa.

FRANCKLIN, Adelino. **As práticas pedagógicas na era digital** / Adelino Francklin (organizador) – Curitiba: **CRV**, 2018.154 p.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

HALVERSON, Richard; SMITH, Annette. How new technologies have (and have not) changed teaching and learning in schools. **Journal of computing in Teacher Education**, v. 26, n. 2, p. 49-54, 2009.

IRURITA, Ana María Calvo. Educación de competencias informáticas en adolescentes de secundaria del siglo XXI: una responsabilidad compartida entre la escuela y la familia. **Apertura**, v. 3, n. 2, p. 108-119, 2011.

ISMAIL, Issham et al. Teaching via mobile phone: A case study on Malaysian teachers' technology acceptance and readiness. **Journal of Educators Online**, v. 10, n. 1, p. 1-38, 2013.

KING, et al. **O que é Nomofobia? Histórico e Conceito**. In: KING, A. L. S.; NARDI, A. E.; CARDOSO, A. (Org.). **Nomofobia: dependência do computador, internet, redes sociais? Dependência do celular?** 1. ed. São

Paulo: Atheneu Editora, 2015.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 1998.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 11. ed. São Paulo: Hucitec, 2008.

MISHRA, Punya; KOEHLER, Matthew. Too cool for school? No way! Using the TPACK framework: You can have your hot tools and teach with them, too. **Learning & Leading with Technology**, v. 36, n. 7, p. 14-18, 2009.

MOURA, Adelina Maria Carreiro et al. Apropriação do telemóvel como ferramenta de mediação em mobile learning: estudos de caso em contexto educativo. 2011.

NAGUMO, Everton. O que os estudantes dizem sobre a escola no Twitter. **Anais da 36ª Reunião Nacional da ANPEd, Goiânia-GO**, p. 1-15, 2013.

NETO, Constantino Quarezemin; DA SILVA, Jeniffer Caroline; PINTO, Viviane Cavalcante. Uma chamada a cobrar: a escola e o celular em sua difícil convivência. **EntreVer-Revista das Licenciaturas**, v. 2, n. 2, p. 56-62, 2012.

NICOLACI-DA-COSTA, Ana Maria. Impactos psicológicos do uso de celulares: uma pesquisa exploratória com jovens brasileiros. **Psicologia: teoria e pesquisa**, v. 20, p. 165-174, 2004.

OLIVEIRA, Geysa Viana de Souza. **O celular na escola: a aprendizagem móvel em ação** / Geysa Viana de Souza Oliveira. – Rio de Janeiro: Nutes, 2011. 37 f.; 31 cm. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Mídias na Educação) - UFRJ, Nutes, Programa de Pós-graduação em Educação em Ciências e Saúde, 2011.

PALFREY, Jonh; GASSER, Urs. **Nascidos na era digital: entendendo a primeira geração de nativos digitais**. Porto Alegre: Artmed, 2011.

PASSARELLI, Brasilina; JUNQUEIRA, Antônio Hélio. Gerações interativas Brasil: crianças e adolescentes diante das telas. **São Paulo: Escola do Futuro/USP**, 2012.

PEDRÓ, Francisc. Educação, tecnologia e

avaliação: por um uso. **Experiências avaliativas de tecnologias digitais na Educação**, p. 19, 2016.

RUIVO, João; MESQUITA, Helena. Ensinar e aprender: com ou para os media?. **Educação e media: da teoria ao terreno**, p. 17-38, 2011.

SANTOS, Edméa; WEBER, Aline. Educação e cibercultura: aprendizagem ubíqua no currículo da disciplina didática. **Revista Diálogo Educacional**, v. 13, n. 38, p. 285-303, 2013.

SILVA, Bento Duarte. A tecnologia é uma estratégia para a renovação da escola. **Movimento – Revista da Faculdade de Educação da Universidade Federal Fluminense**, n. 5, p. 28-44, 2002.

SOARES, Maria Lúcia de Amorim; NOGUEIRA, Eliete Jussara; PETARNELLA, Leandro. Juventude, gadgets e educação: reflexões contemporâneas. **Revista Série-Estudos**, n. 38, p. p. 47-57, 2014.

STRECK, Danilo Romeu; ADAMS, Telmo. Lugares da participação e formação da cidadania. **Civitas-Revista de Ciências Sociais**, v. 6, n. 1, 2006.

TIMBANE, Sansão Albino; AXT, Margarete; ALVES, Evandro. O Celular na Escola: Vilão ou Aliado!. **Nuevas Ideas en Informática Educativa. TISE**, p. 6, 2015.

TORRES, Haroldo da Gama. **O que pensam os jovens de baixa renda sobre a escola**. São Paulo: Fundação Victor Civita, 2013.

VALLETTA, Débora. E-book no Ensino de Tecnologia Educacional: uma investigação sobre o uso de Apps na produção escrita. **Educação Por Escrito**, v. 6, n. 2, p. 278-292, 2015.

VESISENAHU, Mikko et al. Blended learning with everyday technologies to activate students' collaborative learning. **Science education international**, v. 21, n. 4, p. 272-283, 2010.

PACHECO, Dirce Djanira; VIOLAR, Zan. Juventude, Tecnologia e Escola: algumas aproximações. **EccoS–Revista Científica**, v. 12, n. 2, p. 347-364, 2010.

Recebido em 2021-05-28
Publicado em 2022-03-01